



DEMOCRATIZANDO O ACESSO AOS JORNAIS RAROS: O USO DA TECNOLOGIA A SERVIÇO DA PESQUISA[√]



RESUMO

Os jornais representam uma importante fonte para a pesquisa literária, em especial os publicados no século XIX. Os escritores desse século tiveram forte presença na imprensa, sendo esta sua principal fonte de renda, na maioria das vezes. Autores icônicos como Machado de Assis, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida escreveram em jornais. Nestes jornais se encontram poesias, romances em capítulos, críticas, traduções que, em boa parte, não foram publicados em livros. A intensificação do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e nas mais diversas áreas por meio da *Internet*, vem modificando e ampliando o acesso aos acervos. A digitalização e a divulgação dos jornais pelas instituições vêm possibilitando uma ampliação no acesso a esse material e criando novas formas de busca.

Palavras-chave: Imprensa. Literatura. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Literatura e imprensa estão intimamente relacionadas no século XIX. Os jornais e as revistas foram os principais meios de difusão da literatura no período. Boa parte dos escritores do século XIX foram redatores de ou divulgaram seus trabalhos por meio de periódicos.

Os jornais, como fonte de pesquisa, ganharam este prestígio a partir da década de 70 do século XX, anteriormente pouca atenção despertava nos

[√] Artigo recebido em 10 de abril de 2017 e aprovado em 12 de junho de 2017.

* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IBICT). Diretora do Centro de Memória e Informação da Fundação Casa de Rui Barbosa. E-mail: <analigiabb@gmail.com>

pesquisadores. Hoje, os periódicos são considerados fontes primárias pois “correspondem à ‘literatura primária’ e são aqueles que se apresentam e são disseminados exatamente na forma com que são produzidos por seus autores”, segundo Ribeiro (2006).

A pesquisa deste tipo de fonte passa a ganhar um novo impulso com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, que possibilitam a digitalização dos conteúdos, sua divulgação pela *Internet* e a criação de novos mecanismos de busca, como a pesquisa por palavra dentro do texto.

Hoje, vemos os jornais sendo publicados no formato impresso e digital e, em alguns casos, apenas na versão digital, como por exemplo, o **Jornal do Brasil (JB)**. O **JB** criado em 1891 foi um dos mais importantes órgãos de imprensa do país, deixando de circular em papel a partir de 2010. Neste momento, em muitos países a versão digital é cada vez mais viável para os grandes jornais e de melhor aceitação pelos leitores. **The Independent**, da Inglaterra acabou com sua versão em papel em 2016, muitos pretendem seguir o mesmo caminho.

Na área acadêmica, igualmente, a opção digital ganha cada vez mais adeptos, pois mostra-se mais econômica, requer um processo mais rápido de edição e divulgação, além de alcançar um maior número de leitores, por meio da *Internet*.

Os jornais antigos, também, passam pelo processo de digitalização e divulgação na *Internet* facilitando o acesso dos pesquisadores. Ao mesmo tempo, a digitalização possibilita a preservação dos originais que, devido ao papel utilizado na impressão, exige cuidados especiais em seu manuseio.

O presente trabalho visa analisar a importância do acesso digital aos jornais do século XIX, como uma importante fonte de pesquisa. Para tal, divide-se em um breve relato sobre a literatura e a imprensa no século XIX, o impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação no acesso aos jornais antigos e a importância das hemerotecas digitais para os estudiosos.

2 LITERATURA E IMPRENSA: UMA RELAÇÃO ESTREITA

A divulgação de notícias através de instrumento próprio tem suas origens no ano 59 a.C., em Roma, com a **Acta Diurna**, projeto de Júlio César tendo como objetivo divulgar atividades administrativas e campanhas militares entre outros

assuntos. Porém, é com a invenção dos tipos móveis por Gutenberg, entre 1140 e 1445, que os jornais começam a se fortalecer, sendo que no século XVII conseguem manter certa periodicidade na Alemanha, França, Bélgica e Inglaterra. A pioneira revista científica o **Journal de Savants**, publicado em 1635, na França, é a primeira publicação periódica voltada para a ciência e a literatura, tendo como objetivo divulgar "o que está acontecendo de novo na República das Letras".

No Brasil, era proibido publicar até 1808, quando da vinda da família real portuguesa e a elevação do Brasil a Reino Unido. Até este ano era proibido instalar tipografias no Brasil, embora tivessem ocorrido tentativas no Rio de Janeiro e em Recife. Instalou-se, assim, tardiamente a Impressão Régia, pois os países da América Espanhola já tinham as suas em funcionamento. Neste mesmo ano, foi publicado a **Gazeta do Rio de Janeiro**, que segundo Lustosa (2006) "limitava-se a publicar listas de atos oficiais do governo, resumos previamente censurados das folhas europeias e louvores à família real".

Neste mesmo ano começa a ser publicado **O Correio Braziliense: armazém literário**, impresso em Londres entre 1808 e 1822. Era um jornal independente que desempenhou um papel fundamental na criação de uma consciência nacional. Hipólito da Costa, seu criador, o definia como "doutrinário muito mais do que informativo". Segundo Guimarães o "Literário" do subtítulo do jornal "não se refere a literatura como arte, e sim à matéria contida nos livros e destinada a injetar naquela sociedade periférica e apática alguma adrenalina intelectual".

Entre janeiro de 1813 e dezembro de 1814 publicou-se **O Patriota: jornal literário, político, mercantil & comercial**, que teve um papel importante na difusão da literatura no Brasil, tendo como colaboradores os mais conceituados intelectuais da época. Segundo França (2008) **O Patriota** cumpriu um triplo papel na literatura brasileira e no pensamento da intelectualidade nacional:

De saída, atuou como um importante veículo de formação da nossa tradição literária, divulgando resenhas críticas diversas, traduções e inéditos de nossos poetas...funcionou também como um dos poucos canais de vazão da copiosa produção poética que teve lugar no Rio de Janeiro durante o período joanino...[e]colaborou para moldar um certo perfil que alterará muito pouco ao longo do século XIX (FRANÇA, 2008, p. 48-51).

Cabe, ainda frisar o comentário de Lustosa (2003) sobre a imprensa da época ser bem diferente da atual, pois ocupava papel educativo, suprimindo a falta de livros e de escolas nas terras brasileiras.

O próprio papel da imprensa naquele contexto era visto de outra maneira. Num tempo em que o acesso à educação era menos democrático, em que vivíamos a mudança do mundo a partir das ideias disseminadas pelo Iluminismo ao longo do século anterior, a imprensa se firmara como um importante difusor das chamadas Luzes. Naquele contexto o jornalista se confunde com o educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através dos escritos jornalísticos (LUSTOSA, 2003, p.15).

No final da terceira década de 1800 surgiram, a modelo do que acontecia com sucesso na França, os folhetins, narrativas seriadas publicadas nos jornais e revistas. Sodré (1977) afirmou que “os autores brasileiros figuraram bastante nos folhetins, em que foram divulgados alguns dos melhores romances da época”. Grandes nomes da literatura publicaram suas obras divulgadas em folhetins como José de Alencar, com **Cinco minutos**. O autor considerava que o romance foi escrito “em meia dúzias de folhetins, que iam saindo na folha dia por dia, e que foram depois tirados em avulso sem nome do autor”. José de Alencar publicou ainda em folhetins **O Guarani** e **A viúva**.

Outros exemplos de sucesso foram a publicação de **A Moreninha** de Joaquim Manuel de Macedo e **Memórias de um sargento de Milícias**, de Manoel Antônio de Almeida. Sem falar, claro, em Machado de Assis que, além de publicar folhetins, escrevia sobre os mais variados temas nos jornais em que trabalhou, começando na **Marmota**, aos dezesseis anos, onde publicou poesias, peças de teatro e novelas de sua autoria, passando, também, pelo **Jornal das Famílias**, neste caso atendendo ao crescente público feminino em busca de histórias açucaradas. Participou, ainda, de outros periódicos onde demonstrava sua enorme versatilidade como jornalista, romancista, dramaturgo, contista, poeta, folhetinista, cronista e crítico literário.

Nas três últimas décadas do século XIX segmentos da intelectualidade procuraram melhorar a imagem do Brasil, estigmatizados pela escravidão e pela Guerra do Paraguai. Segundo Armando Genz (2008) os escritores também se alinharam a essa cruzada, participando ativamente nos jornais.

Dessa categoria, fizeram parte os escritores brasileiros para quem o jornal representou uma espécie de passagem de acesso ao mundo das letras impressas, pois o encurralamento causado por uma política editorial que pouco espaço oferecia às produções literárias brasileiras fez com que o

jornal, um dos pilares da República, logo se transformasse em um espaço de trânsito e resistência para que os que pleiteavam conquistar um lugar no panteon nacional (GENZ, 2008, p.195-196).

Enfim, houve uma forte relação entre literatura e jornalismo no século XIX. Foi trabalhando nos jornais que os escritores ganhavam seu sustento. Situação, segundo Lajolo (1996), que gerou uma série de polêmicas, e que se arrastou pela Primeira República, envolvendo grandes nomes como Coelho Neto, Lima Barreto, Olavo Bilac e João do Rio, entre outros.

Imprensa e literatura são formações discursivas diferentes, emanadas de lugares sociais distintos; mas ambas integram o mesmo sistema da escrita. Não se confundem, posto sejam intercomunicantes. E o fato de a imprensa, durante um certo tempo e em certos casos, financiar a literatura é, talvez a manifestação mais visível desta intercomunicantes. De todo modo, com a imprensa bancando, a questão do financiamento da literatura ainda é resolvida de uma forma externa a ela, literatura. (LAJOLO, 1996, p. 87).

A literatura, no entanto, perde força nos jornais atuais embora ainda sobrevivam as crônicas e as críticas literárias, mas acabou o tipo de relação estreita entre jornalistas e escritores, bem como as formas de divulgação da literatura utilizadas no século XIX.

3 A TECNOLOGIA E O ACESSO DEMOCRATIZADO

A técnica e a tecnologias são fatores que determinam a difusão do conhecimento produzido pelo homem. A descoberta da escrita, cunhada em tabuinhas de argila, há cerca de 5.000 anos, representou um momento de ruptura na comunicação da humanidade. É nestas tabuinhas que nos chegaram a primeira manifestação de literatura, a **Epopéia de Gilgamesh**. Durante milênios este tipo de suporte foi se modificando, com a utilização de papiros e do pergaminho e outros suportes.

Um outro momento inquestionável de ruptura foi a introdução da imprensa, com o desenvolvimento dos tipos móveis por Gutenberg. Assim, também a fabricação de papel a partir de trapos e, mais tarde, de celulose foi um fator determinante para a difusão da imprensa. A imprensa não é apenas uma evolução de suporte, mas um fator na mudança da sociedade. O livro, antes manuscrito, passa a ser impresso, deixando de ser um produto manual para ser reproduzido por meio das prensas móveis. Deriva daí a possibilidade de se disseminar a leitura entre

a população e bem como a produção de novos textos que traziam ideias novas, arejando a sociedade com os ventos do Iluminismo.

Nos primeiros tempos os livros, embora impressos, representavam uma cópia do modelo dos séculos anteriores, evoluindo paulatinamente para formatos mais confortáveis e para outras formas de transmissão de conhecimento, com o surgimento das publicações periódicas.

Agora, estamos mais uma vez atravessando um momento com o surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ainda não podemos precisar se trata de mera evolução de suporte ou uma mudança radical na comunicação, similar ao que aconteceu com o surgimento da imprensa como foi no século XV. O que se delineia é que o movimento de difusão em escala do conhecimento, e que gerou o surgimento da sociedade moderna, poderá ou não, representar o mesmo movimento de ruptura. Porém, é inegável que vivemos um momento em que as informações circulam de modo infinitamente mais rápido, surgindo novas formas de registro, como os *e-books*, e de comunicação, como as mídias sociais, com novos canais de informações.

Um ponto a ser ressaltado sobre o impacto das TIC diz respeito à inclusão social, pois permite o acesso democrático às informações. A *Internet* possibilitou a criação de sistemas de comunicação que modificaram o relacionamento e a troca de informações.

Assim, também, o processo de digitalização, que transforma uma imagem ou sinal analógico em código digital mostrou-se como uma nova realidade. A digitalização, segundo Dourado e Medeiros (2014) veio evoluindo paulatinamente provocando grande impacto nas indústrias culturais. O primeiro segmento que sentiu este impacto foi, segundo Lèvy (1999, p. 32) a indústria musical. Segundo ele "a digitalização penetrou primeiro na produção e gravação de músicas, mas os microprocessadores e as memórias digitais tendiam a tornar-se a infraestrutura de produção de todo domínio de comunicação" expandindo-se para os demais meios de comunicação e aos poucos foi englobando o cinema, o rádio, a televisão, o jornalismo, a edição, as telecomunicações e a informática.

A digitalização, aplicada aos acervos, possibilitou decretar o fim dos limites nas pesquisas, salvo no que diz respeito às questões sobre direitos autorais, resolvendo o dilema de opor a preservação e à divulgação de documentos. A técnica

permitiu a versão digital dos documentos, que sem afetar a integridade dos suportes, atende tanto à demanda da preservação quanto ao acesso local ou via Internet.

As bibliotecas, arquivos e museus, mundialmente, se aliam na cruzada de digitalizar seus acervos e os colocarem disponíveis nas redes, por meio de bibliotecas ou repositórios digitais. Pode-se afirmar que graças a biblioteca e aos repositórios digitais é possível democratizar a leitura incluindo obras de difícil acesso. Segundo Darnton (2010) um dos idealizadores da **Digital Public Library of America (DPLA)** “temos a capacidade técnica de realizar o sonho do Iluminismo, de realmente disponibilizar o conhecimento para as pessoas e nos comunicarmos abertamente por todo o mundo”.

Com esta medida, o acesso a acervos por um grupo de estudiosos privilegiados, com recursos para empreender viagens, se estende aos que podem usar a *Internet* para suas pesquisas, e na maioria dos casos obtendo cópias gratuitas. Assim, também, novos mecanismos de busca têm criado formas diversas para a pesquisa como a busca de palavras dentro do texto e a avaliação de incidências de termos utilizados pelo autor pesquisado, entre outras maneiras criativas de abordagens.

Cabe, ainda, ressaltar que o crescimento da produção de conhecimento e de sua divulgação, com muito mais rapidez por meio da *Internet*, cria um processo de constante e exponencial realimentação da produção intelectual, em um círculo virtuoso.

Atingimos o ciberespaço, o espaço onde o homem interage utilizando-se da interconexão mundial dos computadores. Temos não somente a infraestrutura material da comunicação, como quantidade ilimitada de informação que o homem realimenta ao gerar conhecimentos, ao desenvolver tecnologia, ao navegar nele. (GARCIA; SOUSA, 2011, p. 81).

4 A LITERATURA NOS JORNAIS DIGITALIZADOS

Os estudos da literatura e da atuação dos escritores do século XIX não podem prescindir dos jornais como importante fonte de pesquisa. Porém, o acesso aos acervos físicos pelos pesquisadores é dificultado por uma série de limites: a fragilidade do papel utilizado para a impressão, que dificulta, ou mesmo impede, seu manuseio, a primazia do livro e dos documentos manuscritos em relação à guarda e

ao tratamento dos jornais nas instituições memoriais durante boa parte do século XX, e a circulação restrita dos jornais regionais.

Esses limites fazem com que os jornais do século XIX possam ser considerados raros. O processo de digitalização torna-se um grande aliado na difusão dos periódicos, representando uma nova perspectiva para os pesquisadores. As universidades, as bibliotecas e os arquivos, privados e públicos, nos estados e municípios, trabalham progressivamente na digitalização de seus acervos de jornais com o objetivo de disponibilizá-los por meio da Internet visando a ampliar o acesso aos periódicos.

A Hemeroteca Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), é um dos exemplos de sucesso que merece destaque. A FBN, criada em 1810, é considerada a oitava maior biblioteca do mundo. Seu acervo foi formado pela Biblioteca Real de Portugal e por diversas doações posteriores, além dos exemplares decorrentes do cumprimento da Lei de Depósito legal de publicações brasileiras. Essa lei estabelece a entrega de pelo menos um exemplar de toda obra publicada no país, na Biblioteca Nacional. Assim, sem dúvida, o acervo da Biblioteca Nacional é o maior e mais rico do país.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, por meio da digitalização e da Internet, possibilitou a ampliação do acesso ao precioso e único acervo da instituição, por meio da Biblioteca Nacional Digital (BND), dividida em: Exposições, Dossiês, Brasiliana Digital, Biblioteca Digital Luso Brasileira e Hemeroteca Digital.

Nela é possível pesquisar mais de um milhão e meio de documentos digitalizados, de livre acesso e passível de cópia. A consulta *online* da Biblioteca Nacional Digital ultrapassou, atualmente, a consulta presencial do pesquisador. A BND, além de dar acesso aos documentos, “também tem a preocupação de propiciar a organização dessas informações dentro do acervo digital, assim como possibilitar a recuperação das informações contidas nesses documentos”, segundo Santos e Vieira (2015, p.53).

A Hemeroteca Digital Brasileira, parte da BND, visa tornar disponível pela *Internet* o acervo de periódicos pertencentes a instituição, incluindo jornais, revistas, anuários, boletins, além das publicações seriadas. A coleção de periódicos da FBN é considerada por Bettencourt e Rizzo (2013) “a mais antiga, bem como a mais

completa do país”. O acesso é livre, sem custo, podendo ser consultado sem restrições pelos pesquisadores nacionais e estrangeiros. A busca pode ser feita por título, período e local de publicação, além da pesquisa de palavras dentro dos textos com a utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR).

Encontra-se disponível uma grande quantidade de títulos publicados no século XIX, incluindo os primeiros jornais brasileiros, como o **Correio Braziliense** e a **Gazeta do Rio de Janeiro**, ambos de 1808, e **O Patriota**, publicado entre 1813 e 1814. Está também facultada a pesquisa a outra centena de títulos, como **O Espelho**, **Semana Ilustrada**, **Revista Ilustrada**, **O Jornal das Senhoras**, **O Homem de Cor**, **Marmota Fluminense**, **A Vida Fluminense**, **O Paiz**, **O Mosquito**, **A República**, **Gazeta de Notícias**, **O Besouro**, **O Abolicionista**, **Correio do Povo**, **Diário de Notícias**. Encontram-se ainda, na Hemeroteca da FBN, os jornais das províncias do Império.

Ao pesquisar, na Hemeroteca, constata-se que estão disponíveis 471 títulos de publicações periódicas publicadas em Minas Gerais, incluindo periódicos do século XIX. Os títulos mineiros mais antigos encontrados são o **Compilador Mineiro**, iniciado em 1823, **O Universal**, publicado de 1825 a 1842, **o Astro de Minas**, de 1827, **Diário do Conselho do Governo da Provincia de Minas Geraes**, de 1825, **O Novo Argos**, de 1829 a 1833, e a **Abelha do Itaculmy**, 1824 a 1825.

Bettencourt e Pinto (2013) consideram que o lançamento da Hemeroteca Digital, em julho de 2012, tornando disponível cinco milhões de páginas de periódicos, alcançou grande repercussão na mídia impressa e digital. O sucesso pode ser medido pela interação dos pesquisadores que encaminham à FBN depoimentos sobre os resultados encontrados. Segundo entrevista de Bettencourt, publicado em **Notícias** (2015), um das mais curiosas utilizações foi encontrada numa lápide onde pode se ler junto ao nome do morto informações tiradas da Hemeroteca Digital. “A citação menciona a edição 15.463 do jornal **O Pays**, de 20 de fevereiro de 1927, e está em uma sepultura do cemitério de Paquetá”.

Outras instituições também vêm se dedicando a digitalizar seus acervos de jornais, esforço reconhecido pelos pesquisadores como um grande auxílio nos seus estudos. Entre elas pode-se citar a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo, a Hemeroteca da UNESP, a Memória da Imprensa do

Arquivo Público do Estado de São Paulo e o RUBI/Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Começam também a aparecer trabalhos analíticos sobre os resultados de pesquisas em acervos digitais, o que possibilitará o aperfeiçoamento dos processos utilizados. Como exemplo, citamos o artigo de Almeida (2013) sobre os mecanismos de busca utilizados na pesquisa realizada nos periódicos digitalizados dos Acervo Folha, Acervo Estadão, Acervo Veja, Diários Oficiais e Hemeroteca Digital. A partir da pesquisa sobre um desconhecido escritor de pseudônimo João de Minas, o autor testa os mecanismos de busca por palavra reconhecendo que, embora sendo relevante, é preciso tomar cuidado quanto à imprecisão de resultados obtidos, devido em especial, à grafia antiga e às limitações dos recursos tecnológicos hoje existentes. Porém, reconhece que os acervos digitais disponíveis na *Internet* facilitaram e aprofundaram as pesquisas por ele realizadas.

Apesar das limitações, como vimos, os mecanismos de busca textual das hemerotecas digitais abrem possibilidades de pesquisa histórica até então indisponíveis. Nesse sentido, a capacidade de localização de informações nesses acervos digitais deu um salto análogo àquele aberto pelos processadores de cálculo nos anos 1960, os quais possibilitaram tratar grandes séries documentais em grande escala. Da mesma forma, os mecanismos de busca textual permitem abrir e incrementar pesquisas de modos até então impensáveis, a exemplo da que realizamos sobre um escritor pouco conhecido, sobre o qual há pouquíssimas informações sistematizadas nas enciclopédias e livros de literatura. Para desenvolver essas possibilidades, os problemas técnicos levantados podem ser facilmente corrigíveis em versões mais atualizadas e poderosas dos programas (ALMEIDA, 2013, p.17).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Tecnologia de Informação e Comunicação vem permitindo a realização das pesquisas por meio dos jornais digitalizados, facilitando o trabalho de busca e de acesso direto aos documentos. Torna também possível a pesquisa por palavra dentro dos textos.

Assim, os jornais do século XIX, cuja atuação está diretamente ligada à literatura, vêm paulatinamente sendo divulgados e consultados por meio da Internet. Com esta ação pode-se ter acesso a poemas, crônicas, romances, folhetins e críticas literárias, muitas vezes não publicadas em livros. Abre-se, assim, uma nova

possibilidade, quem sabe, de encontrar textos inéditos publicados somente nos jornais da época pelos grandes nomes da literatura brasileira.

DEMOCRATICIZING ACCESS TO RARE NEWSPAPERS: THE USE OF TECHNOLOGY IN THE SERVICE OF RESEARCH

ABSTRACT

Newspapers are an important source for literary research, especially those published in the nineteenth century. The writers of this century had a strong presence in the press, and it is their main source of income, most of the time. Iconic authors such as Machado de Assis, José de Alencar and Manuel Antonio de Almeida wrote in newspapers. In these newspapers are poetry, chapters novels, critiques, translations which, for the most part, have not been published in books. The intensification of the use of Information and Communication Technologies and in the most different areas through the Internet, has been modifying and expanding the access to the collections. The digitization and dissemination of old newspapers by the institutions has made it possible to increase access to this material and to create new forms of search.

Keywords: Press. Literature. Technology.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro: FUNDAR, 2015? Disponível em: <<http://www.fundar.org.br/bbb/index.php/project/como-e-porque-sou-romancista-jose-de-alencar/>>. Acesso em; 3 abr. 2017.

ALMEIDA, Leandro Antonio de. **Mecanismos de busca em hemerotecas digitais nacionais**: possibilidades e desafios para a pesquisa histórica. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, v. 10, n.2, jul.-dez. 2013

BETTENCOURT, Angela Maria Monteiro; PINTO, Monica Rizzo Soares. A hemeroteca digital brasileira. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 25, Florianópolis, 2013. **Anais...** Disponível em; <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1321/1322>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

BIBLIOTECA Brasileira Guita e José Mindlin. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/1>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BIBLIOTECA Digital/Hemeroteca. Unesp. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/1>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CONTEÚDO digital da Biblioteca Nacional resgata memórias e emociona pesquisadores. *Notícias da Biblioteca Nacional*, 14 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/noticia/2015/07/conteudo-digital-biblioteca-nacional-resgata-memorias>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOURADO, Stella, MEDEIROS, Ana Ligia Silva Medeiros. O livro digital como forma de democratização do acesso ao conhecimento e a cultura. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 18. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/trabalhos/index.php/sn_20_bu_14/sn_20_bu_14/paper/view/555>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho. O Patriota e a invenção de padrões literários. In: LUSTOSA, Isabel, org. **Imprensa, história e literatura**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 45-55.

GENZ, Armando. Álbum de recortes: a literatura nos jornais (1870-1900). In: LUSTOSA, Isabel, org. **Imprensa, história e literatura**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 195-209

GUIMARÃES, Manoel Salgado. História e narrativa: historicizando um debate. In: LUSTOSA, Isabel, org. **Imprensa, história e literatura**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 13-32.

GARCIA, Joana Coeli R.; SOUSA, Marckson R. F. Cultura digital: odisseia da tecnologia e da ciência. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 77-91, jul. /dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/22252>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

HEMEROTECA digital. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996. 372 p.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

MEMÓRIA da Imprensa. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriaimprensa/>> Acesso em: 10 abr.2017.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pt/cib/include/getdoc.php?id=76&article=251&mode=pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

RUBI. Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais. Disponível em: <<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SANTOS, Luana Carla de Moura dos, VIERA, Angel Freddy Godoy Avaliação da recuperação da informação em acervos digitais de jornais. **Em questão**, v.21, n.2, mai. /ago. 2015 p.49- 73.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2d. Rio de Janeiro: Graal, 1977. 582p.